

CRISE DOS MERCADOS

País está na rota da recessão, dizem especialistas

Economistas e executivos do mercado financeiro explicam que a economia brasileira, no próximo ano, sofrerá desaquecimento, poderá haver desemprego elevado, crédito escasso e corte nos gastos públicos

DENISE NEUMANN

Após três semanas de turbulências na economia brasileira, economistas e executivos do mercado financeiro possuem uma única certeza: o País entrou na rota de uma recessão. Os nomes adotados para explicar o que se prevê para a economia brasileira no próximo ano são muitos e variados: desaceleração, estagnação, desaquecimento. Mas a descrição dos efeitos esperados é muito semelhante: desemprego elevado, crédito escasso e caro, corte de gastos públicos, importações menores, investimentos mais lentos e ausência de crescimento de renda.

Quatro razões sustentam a avaliação consensual de que o caminho é de desaquecimento: o governo vai cortar gastos e fazer ajuste fiscal, os juros estão muito altos e mesmo que caíam vão permanecer em níveis elevados, o mundo todo vai crescer menos (dificultando exportações) e o governo vai precisar reduzir importações.

A economia brasileira já vai crescer muito pouco em 1998. A instabilidade dos últimos dias não deixou nenhum economista seguro para refazer projeções de evolução do Produto Interno Bruto (PIB) este ano. Mas, ninguém mais espera um crescimento superior a 1%. A Tendências Consultoria estimava uma alta do PIB de 1,6% este ano. "Por enquanto, dá para saber que o número vai ficar abaixo de 1%", diz Roberto Padovani, economista da Tendências. Ele observa que esse ritmo já é muito fraco e, por isso, "uma nova desaceleração implica em recessão".

Um ritmo menor de crescimento é esperado pelos economistas porque uma das âncoras do Plano Real está sendo rompida. Parte do crescimento do País vinha sendo

sustentado pelos recursos externos, que pararam de entrar desde a crise russa e devem demorar a voltar para os países emergentes. "O fluxo consistente de recursos só volta com solução da dívida externa russa e com recuperação da economia japonesa", estima Padovani. Mesmo a ajuda externa do G-7, se for confirmada, não será capaz de reverter essa situação, acrescenta.

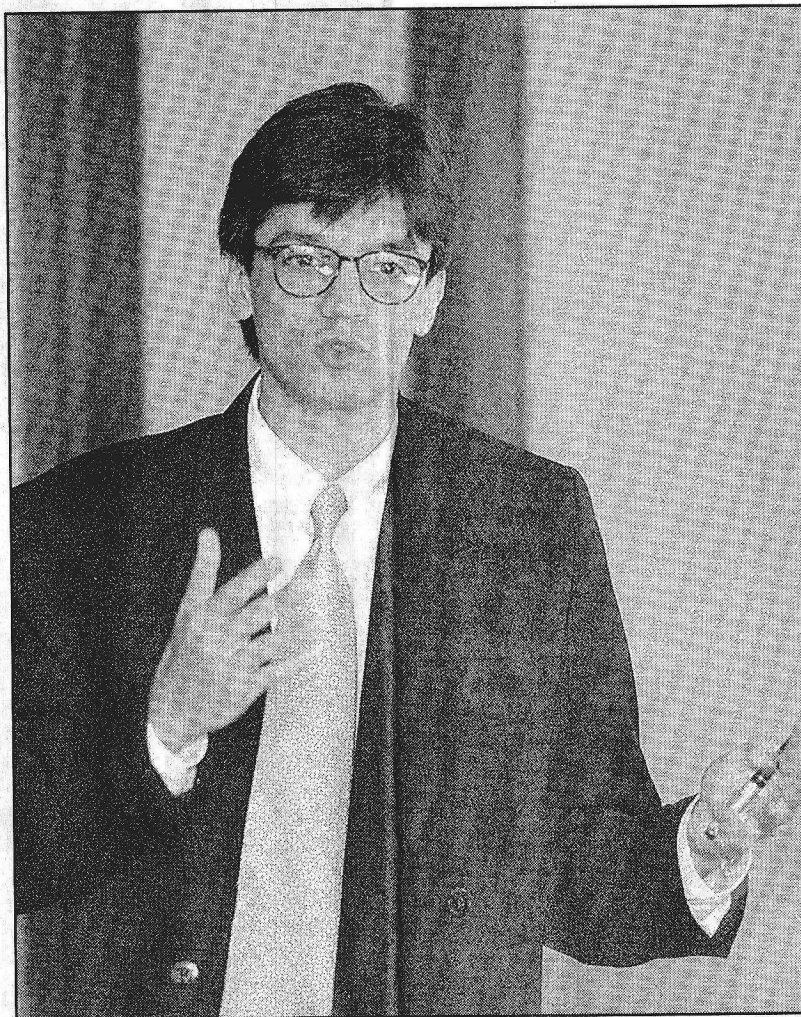
Sem recursos dos investimentos externos, o Brasil vai precisar financiar seus gastos com poupança interna e vai precisar obter dólares na balança comercial (ou pelo menos perder menos que o déficit anual de US\$ 5 bilhões) para pagar seus compromissos com o exterior.

AJUDA DO G-7 NÃO DEVERÁ REVERTER SITUAÇÃO

No ano passado, o Brasil acumulou um déficit em transações correntes (que considera o saldo entre exportações e importações, remessa de lucros, gastos com turismo e pagamentos de juros, entre outros) de US\$ 33

bilhões. Como entraram no País, recursos externos de US\$ 25 bilhões (resultado líquido considerando investimento direto, recursos para bolsa e captações de bônus, entre outros), o saldo final do País com o exterior (chamado de balanço de pagamentos), foi negativo em US\$ 7,9 bilhões. Esse volume de recursos foi pago com parte das reservas internacionais do País. Em dezembro de 96, as reservas do País eram de US\$ 60,3 bilhões. Um ano depois, elas estavam em 52,2 bilhões.

Uma parte expressiva do tipo de recursos que somou US\$ 25 bilhões no ano passado, não vai mais entrar em 1999, segundo avaliação da maioria dos economistas. Como as dívidas com o exterior permanecem e precisam ser pagas em dólar, o Brasil vai precisar reduzir despesas em dólar para não acumular um saldo muito negativo no



Abate: "Todos os itens da atividade foram afetados nos últimos dias"

balanço de pagamentos no próximo ano.

"O País precisa reduzir bens e serviços importados", avalia o economista da Tendências. Para Carlos Guzzo, superintendente do Departamento de Economia do Banco Pontual, o governo também pode adotar medidas para reduzir gastos com viagens no exterior. No ano passado, os brasileiros gastaram US\$ 4,4 bilhões no exterior. Este volume é superior ao arrecadado pelo governo com a venda da Vale do Rio Doce.

Guzzo também espera um ritmo fraco no próximo ano e um crescimento inferior a 1% em 1998. Ele explica que o crescimento possui quatro componentes: consumo, gastos públicos, comércio internacional e investimentos. O consumo estará desfavorecido pelo aumento dos juros (ainda que eles caíam dos atuais 50% para os 20% anterior-

es) e não crescimento da renda salarial (seja pelo aumento do desemprego, seja pela impossibilidade de aumentos reais). O governo vai cortar despesas e os investimentos vão andar em um ritmo mais lento, pondera Guzzo. "Todos estes itens que respondem pela atividade econômica foram afetados para pior nos últimos dias", observa Odair Abate, economista-chefe do Lloyds Bank.

As melhores chances do Brasil estão no comércio internacional. Além de cortar despesas com importações, o País vai tentar aumentar exportações. A favor do crescimento das vendas externas está a política agressiva que vem sendo desenhada pelo governo. Mas o mundo vai crescer menos. "O PIB da Indonésia está caindo 18%, o de Hong Kong vai crescer menos 2,8% e o da Tailândia, menos 12%", observa Guzzo.

Epitácio Pessoa/AE